

O ineditismo na adolescência: originalidade, igualdade e repetição

Fuad Kyrillos Neto
Christian Ingo Lenz Dunker

O artigo aborda as especificidades do sujeito adolescente, enfatizando os efeitos de sua inserção em uma sociedade caracterizada pelo narcisismo e pelo consumo. Considerando os impasses da psicanálise frente à cultura do narcisismo, apontamos aspectos da clínica tais como separação, alienação, desalienação e escuta que podem ser terapêuticos em uma clínica com adolescentes.

Palavras-chave: Adolescente, clínica, subjetividade, narcisismo

Introdução

À Carol, pelo estranhamento

*O silêncio destes espaços
infinitos me apavora.*

Pascal

Afastando-nos das concepções de adolescência enquanto fase, passagem, ou etapa da vida, pretendemos abordar as especificidades do sujeito adolescente entendendo-a como forma de subjetivação dominante na cultura e sociedade de consumo.

Salientemos inicialmente como diversos autores que têm procurado apreender o sujeito, no quadro da condição pós-moderna, sistematicamente destacam ou convocam em seus inventários descritivos traços contíguos ao campo da adolescência, por exemplo: a aderência a pequenos grupos de organização “tribal” (Mafesoli, 1998), o estranhamento e a ambivalência (Bauman, 1998), a subjetividade fortemente definida pela corporeidade (Eagleton, 2000), a efemeridade e intensidade dos laços sociais sob forma de uma sedução generalizada e esvaziada (Lipovetsky, 1998), a migração e plasticidade identitária (Giddens, 1996), a crise e encurtamento das utopias e das grandes narrativas de afiliação (Jameson, 1997), tudo isso no quadro genérico de problematização aguda do narcisismo (Sennet, 1987).

Birman (1999) aponta que uma transformação social tão drástica afeta os modelos instituídos de subjetividade. Ele nos lembra que em uma sociedade tradicional, o sujeito é regulado por instituições e regras de longa durabilidade, que oferecem segurança e estabilidade. Assim, as possibilidades de escolha dos sujeitos são fixadas dentro de uma gama de opções há muito estabelecidas no seio da sociedade. Desta forma, o potencial de angústia e incerteza fica bastante restrito. A experiência originária de desamparo fica regulada pela fixidez das regras, das narrativas que as suportam e das instituições que as consubstanciam.

De forma oposta, a modernidade, em sua apresentação atual, impõe novas exigências para a subjetividade que deve ser permanentemente remodelada em função das transformações sociais contínuas. O mundo adquire uma dimensão de infinitude, já que os rígidos traçados do mundo tradicional perdem suas linhas claras. Neste quadro a insegurança e a angústia se multiplicam e o desamparo do sujeito se incrementa.

A passagem da modernidade para a pós-modernidade é marcada pela transformação radical do sujeito e do desejo. Obras como *O que é isso companheiro* (Gabeira, 1996) e *Os carbonários* (Sirkis, 1984), ambas autobiográficas, são bons testemunhos de trajetórias em que o sujeito se compreende diante de uma tarefa: mudar a si mesmo e ao mundo com seu desejo. Assinalam, na realidade brasileira, a utopia de reinvenção pela juventude da ordem social. Trata-se de narrativas marcadas por valores da modernidade.

Birman (1999), ao caracterizar a pós-modernidade, aponta o conservadorismo que impede a idéia de revolução, por meio da qual o sujeito coletivo poderia mudar o mundo. Os temas do projeto e da transformação cedem lugar a uma hipetransformação expressa por micronarrativas que tentam produzir uma pequena geografia subjetiva. Antes de saber o que transformar, torna-se urgente encontrar onde estamos.

Enquanto a modernidade conferia ao desejo a condição de mudança do sujeito e do mundo, a sociedade do apogeu modernista, segundo Lasch (1984), se caracteriza pela cultura do narcisismo em sua face de individualização interiorizada. A sociedade pós-moderna, ao contrário, continua centrada no eu, mas onde a problemática narcisística desloca-se para a imagem dos objetos. Daí o aplainamento, a superficialização e o caráter performativo das práticas de si. A transformação de si e da sociedade permanecem como projeto, mas agora com sentido trocado: é a exteriorização, sob forma de visibilidade social, que engendra o cultivo de si. Daí entendermos a estetização de si mesmo como traço fundamental da pós-modernidade. Ou seja, uma plena e extensa consciência, decididamente vocada ao tratamento de si como uma mercadoria. Cabe lembrar aqui que a tese de Debord (1997) não é simplesmente de que nossa cultura se organiza ao modo de um espetáculo, mas que o próprio espetáculo, enquanto prática social, tornou-se inteiramente dominado pela lógica do consumo. O autor define o espetáculo como o apagamento dos limites do eu e do mundo pelo esmagamento do eu, que a presença-ausência do mundo assedia. No espetáculo ocorre o recalçamento de toda vida vivida, diante da presença real da falsidade garantida pela organização da aparência. Ou seja, em seguimento às tese da Escola de Frankfurt acerca da indústria cultural, é preciso pensar hoje uma plena materialização da ideologia, na lógica da cultura, mas também na constituição do sujeito, sempre sensível e dependente do primeiro aspecto.

A psicanálise tem como pedra fundamental o desejo como condição de reinvenção do sujeito. Essa crença, por um lado, declina na pós-modernidade; por outro, foi plenamente absorvida. Temos que, absoluta e permanentemente, nos reinventar. Este tornou-se um imperativo categórico, por exemplo, da cultura corporativa. Nessa perspectiva, a “antiga” cultura do narcisismo se contrapõe como foco de resistência à desconstrução permanente da lei como possibilidade para o surgimento do desejo. O que se mostra, por exemplo, no tipo de religiosidade instrumental prenhe em nossa época.

Gostaríamos de abordar os impasses da psicanálise frente à cultura do narcisismo e seu conflito com o pós-narcisismo contemporâneo. Cultura essa que caracteriza um modelo de subjetividade pós-moderno que silencia as possibilidades de reinvenção do sujeito, na medida mesma em que o torna obrigatório e compulsório. Como salientou Birman, as chamadas psicopatologias da pós-modernidade, cuja efígie são a anorexia, o pânico e a depressão, testemunham um sujeito excluído do modo de vida dominante. Ora, todas elas remetem ao narcisismo, mas, acrescentemos, um narcisismo que faz resistência, sugerindo uma eventual potência crítica.

“Inédito, cara! Tudo a ver comigo!”

59

Souza (1994) afirma que uma especificidade da prática psicanalítica é a possibilidade de encontrar o estrangeiro no que lhe é muito próximo.

Recentemente fomos convidados a visitar uma feira de produtos destinados ao público G.L.S. (Gays, Lésbicas e Simpatizantes). Ficamos impressionados com a elevada frequência de adolescentes, muitos deles tatuados, portando *piercings* e consumindo intensamente os produtos expostos. Esses adolescentes trocavam impressões sobre seus *piercings* e competiam sobre o diâmetro de dilatação dos furos em suas orelhas. Um deles chega a afirmar que introduziu uma carga de caneta em sua orelha para dilatar a perfuração, e a cada *stand* visitado repetia freneticamente: *Inédito, cara! Tudo a ver comigo!* Interessante que essa expressão era utilizada em múltiplos contextos: interesse por algum produto, admiração por um comportamento exuberante ou a concordância com alguma afirmação de um colega.

O primeiro elemento surpreendente é a própria feira de produtos G.L.S. Poderíamos pensar no deslocamento que populariza a sexualidade como mercadoria. Mas aqui realmente não há grande novidade, apenas extensão dos meios e incremento da técnica. A novidade maior está no discurso que acompanha o espetáculo de consumo, marcado pelo ritornelo repetitivo. Um mesmo

sintagma, para o bem e para o mal, para o atraente e para o aversivo. Com que critério diríamos que se trata de uma fala empobrecida? Ela pode guardar, em sua condensação holofrástica, a mesma riqueza que as grandes narrativas cercadas de segredo e concupiscência, atravessadas pela evocação da carne, como Foucault (1988) tão bem descreveu a respeito do dispositivo de sexualidade. Por que a concisão de um Hay Kay deveria ser considerada mais empobrecedora do que a saga de Ana Karenina?

Vivemos em uma sociedade na qual a ambição de todos é ser exceção. Conte (1997, p. 250) nos lembra que: “Ser famoso é uma forma eficaz de se fazer exceção”. Talvez freqüentar uma feira e consumir produtos destinados a um público específico e definido seja uma forma eficaz de fazer exceção. A exceção que nos normaliza e localiza no universo do consumo. A autora nos lembra a tese de Calligaris acerca da *normalidade como psicopatologia*. Para alcançarmos o reconhecimento pela exceção precisamos formar grupos que não se reúnem por filiação. A pretensão à exceção é resolvida temporariamente no convívio com aglomerações narcísicas onde ocorreriam trocas mútuas. Identificações verticais, que nos levavam à imagem de profundidade no narcisismo tradicional, substituem-se agora por identificações horizontais, que nos convidam à imagem da extensão. Todos se reconhecem mutuamente, como inéditos, como exceções, nesse pequeno mundo da normalidade, que agora está francamente localizado exteriormente.

Dunker (1997) apresenta argumentos semelhantes aos anteriores ao falar das tatuagens. A tatuagem inaugura um novo regime de filiação atestando o fracasso do primeiro. Radicalmente ela re-filia o sujeito. Mas a extensão da grupalização imaginária, definida pelo consumo, de imagens e significantes, acelera o desenvolvimento da série a ponto de substituir a filiação pela consumação. O fenômeno da tatuagem em grupos, principalmente os adolescentes, aponta para a vivência intensa do paradoxo da subjetividade contemporânea: ser igual a todos e ao mesmo tempo absolutamente diferentes. Os grupos formados em torno do consumo resolvem esse dilema acentuando radicalmente a igualdade entre seus membros e marcando absoluta diferença em relação aos outros segmentos da sociedade. Lógica adolescente?

Interessante notar a transitoriedade dos grupos. Quando conseguimos ser exceção no grupo, não há ninguém que possa nos reconhecer. Esta transitoriedade segundo Conte (1997), indica que esses grupos são sustentados em “... relações imaginárias que retornam significações simbólicas para seus membros. Esses grupos promovem uma identidade imaginária e não uma identificação simbólica” (p. 249-57).

Em outras palavras, o ato vale menos pelo que ele representa e mais pelo que ele realiza; seu valor de escansão subjetiva é substituído pelo seu valor de

reprodução do objeto. Nesta medida as relações calcadas em identidades imaginárias seriam um fator de empobrecimento simbólico. Podemos perceber este fato na particularidade da sociedade de consumo que nos significa por meio dos objetos. Somos o que consumimos e nos identificamos com as pessoas que usam as mesmas marcas. Mas se de fato o conceito de imaginário, desenvolvido por Lacan, se vincula inicialmente ao campo da alienação e da formação de objetos, há uma segunda versão deste mesmo conceito que valoriza seu potencial como agente de consistência e formação de sentido. Ou seja, em termos da questão específica do narcisismo, não se trata apenas da interface entre simbólico e imaginário, mas da imbricação entre imaginário e real. Nesse caso, o oposto da alienação não é a separação, mas a desalienação. O termo parece combinar com a formação de um inédito que não faz série, um inédito que se repete sem transformação.

Deslocando-nos das feiras de produtos *exclusivos*, freqüentadas pelos adolescentes de nível socioeconômico privilegiado, em direção aos bailes *funk* das periferias das grandes cidades, encontramos fenômenos semelhantes. Novamente temos um imaginário inflado e o simbólico com uma gama reduzida de significantes com múltiplas significações. Nas letras de *funk* encontramos diversos significantes com acentuada incidência no imaginário, por exemplo: *sinistro, mil grau e irmão*. *Sinistro* é algo negativo, perigoso, arrojado, mas ao mesmo tempo interessante, curioso, novo. Trata-se, do ponto de vista retórico, de um oxímoro. Uma expressão que designa sentidos opostos, como, por exemplo, *um obscuro amanhecer*.

Quais os atributos necessários para algo ou alguém ser *mil grau*? Quais os critérios para sermos aceitos como irmão? Tais definições estão no imaginário de cada um que busca sua inserção no grupo de funkeiros. Mas também são expressões que apontam e marcam, como as pegadas de Sexta-Feira para Robinson Crusoe, no interior da imagem o seu próprio fracasso representativo. Aquilo que na imagem não possui valor simbólico, mas está ali apenas para indicar o próprio impensável a partir de seu apagamento. Daí a melancolia que subjaz o narcisismo pós-moderno. Daí a adolescência representar tão bem este modo de subjetivação.

Para suportar a cobrança de ser exceção, para constituir esta exceção além de si mesmo como unicidade, originalidade e ineditismo, faz-se imperativo atos cada vez mais arriscados. Estamos falando de um agir de alto risco não segundo o argumento trivial de que faltaria algum aparato simbólico, filiador e estabilizador, mas porque a tentativa é justamente explorar o imaginário ali onde ele toca o real, ou seja, onde ele não pode ser convertido em realidade e seu correlativo reconhecimento social. Esta é a única e verdadeira exceção: aquela

que deixa o destinatário sem palavras. O trabalho de Conte (1997, p. 251) nos traz valiosas indicações. Ao abordar os atos na delinquência, a autora aponta a falta de um pai simbólico e a tentativa do adolescente constituir-se como sujeito por conta própria. Na falta de acesso ao objeto simbólico, o adolescente espera que a lei funcione onde a função paterna esteve frágil. Aí está o narcisismo tradicional, baseado no apelo de reconhecimento. Mas se olhamos as coisas do ponto de vista do pós-narcisismo trata-se disto e de algo mais, ou seja, de constituir-se a si mesmo como o pai real. É a chamada delinquência “imotivada”, não instrumental, não desafiadora, mas baseada apenas na experiência real do ato.

A função paterna fragilizada está associada a um certo fascínio que o agir adolescente provoca. O fato de os adolescentes irem a fundo nos seus desejos, se entregarem de “corpo e alma” ao que consideram sua verdade, os tornam muito admirados pelos adultos. Mas o que ocorre quando os adultos se tornaram adolescentes? Em vez de destinatários da mensagem eles são seus co-produtores. Em vez de reconhecimento do inédito do ato, que o transforma em original – que dá origem a uma série – o que vemos surgir é a sua própria repetição.

O que pode a clínica?

O adolescente, normalizado pelo Édipo, repõe em questão suas identificações e sua capacidade de simbolizar. A busca de um novo objeto de amor, marca da adolescência, reativa posições depressivas e por vezes tentativas maníacas para resolvê-las: perversões, toxicomanias, adesões religiosas e ideológicas.

Kristeva (2002) afirma que a adolescência se caracteriza por uma “estrutura aberta”. As estruturas abertas “... integram o ‘como se’, mas também outros traços que se podem manifestar nas estruturas perversas, sem que haja necessariamente perversões precisas”.

As novas configurações da família moderna, a ambigüidade dos papéis sexuais e parentais, a flexibilização das interdições religiosas e morais, são usualmente apresentados como elementos que estruturam os sujeitos em torno de uma lei que efetiva uma interdição.

Surge um desafio para a clínica. As fronteiras entre as diferenças de sexo ou de identidade, de realidade e fantasia, de ato e discurso, ficam nebulosas e são atravessadas sem que se possa afirmar que se trata de uma estrutura perversa. Essas “estruturas abertas” fazem eco à fluidez e à inconsistência de uma sociedade marcada pela mídia e pelo consumo. É preciso repensar a perversão como modelo de subjetivação dos laços sociais, não mais pela via da relação

insuficientemente simbólica com a lei, mas pela via da ação do real sobre o imaginário.

Kristeva (2002) considera a escrita uma maneira privilegiada de o adolescente simbolizar a estruturação subjetiva. A escrita é justamente um destes campos onde as relações entre imaginário e real foi abordada por Lacan. Acreditamos que considerando o psíquico nos termos dos atos de linguagem, a psicanálise sempre primou tanto pela evitação da passagem ao ato, quanto pela prevalência do tratamento do imaginário pela palavra.

A psicanálise tem efeitos na sociedade da *performance*, considerada no quadro do narcisismo individualista. Cabe lembrar que a época descrita por Lasch e o solo cultural que ele toma por referência para suas análises, são curiosamente contíguos de uma grande expansão cultural da psicanálise e de uma grande disseminação de sua prática. Talvez não se possa dizer o mesmo acerca das zonas de impacto mais agudo do pós-narcisismo. Não é preciso nos referir criticamente à psicanálise como prática de normalização interessada em conduzir indivíduos ao êxito social para reconhecer o problema que esta proximidade sugere. Apontamos para o risco de dizer que se pode produzir novos sentidos, abrindo para a indeterminação do sujeito, segundo métodos cada vez mais performáticos, no quadro em que “normatizar” o sujeito tornou-se perigosamente convergente com tais exigências. Afinal, o tratamento psicanalítico da subjetivação adolescente, característica da pós-modernidade, poderia oferecer alguma coisa além de reconstituir um narcisismo vertical, filiativo e unificador? Nesta medida, a psicanálise leva de volta ... ao pior?

Rosa (2003) num texto que aborda o não dito como operador da clínica, nos lembra que: “... o dito tem efeito sobre aquele mesmo que fala – o processo analítico mostra isto – pois produz uma separação em si mesmo e faz enfrentar o estranhamento de si mesmo, o desconhecido no próprio ser” (p.101).

Porém, somente dizer não é garantia que o sujeito se retirará da posição narcisista, pelo contrário, tudo dizer nos leva de volta à antiga problemática, jurídico religiosa, da confissão. Há dizeres que produzem alienação. Dizer apenas o que já foi dito apaga a produção de novos sentidos determinando lugares sociais fixos. Inversamente, dizer apenas em resposta ao imperativo de ineditismo é não nos separar do problema.

Quando nosso adolescente diz *Inédito cara! Tudo a ver comigo!*, como uma senha de assentimento generalizado, estamos diante de um *gadget* verbal. Como um destes objetos com mil utilidades e, ao final, todos eles completamente “inúteis”. Mas a verdade está toda nesse objeto. Ele nos diz que o inédito se tornou um objeto, e esse objeto tem a ver com quem o enuncia. “Eu estou nisto que aparece como novo, sem ser original e que se repete a cada vez, como se

fosse a primeira”. A condição para isso é que a fala torne-se predominantemente fática, ela não procura uma referência fora de mim ou de nós, mas localiza o sujeito como sendo escolhido pelo seu objeto.

Esmiuçar a significação de expressões como essa, tantas vezes presentes na clínica, pode surtir efeitos terapêuticos. Isso costuma produzir uma desagradável sensação no analisante, como se ele tivesse que explicar a piada, pois o dito retorna àquele que o profere como descoberta própria. Ali no que há de mais familiar, esvaziado de sentido, é preciso reencontrar o sujeito. São pontos em que se revela, agudamente, a lassidão da estrutura do saber no pós-narcisismo. Sobre esse aspecto Rosa (2003) faz uma importante observação: “O Eu só toma conhecimento da parte do saber do sujeito que não o ameaça em suas premissas básicas. Já o saber é tratado pelo Eu como mera fantasia quando a sua presença no discurso pode ameaçar desmoronar a identificação. De outro lado, tal presença pode também lançar o sujeito no desejo de saber.”

Desmantelar identificações prévias e possibilitar construções de saber ... inéditas. Tais efeitos da psicanálise são fundamentais para o sujeito não recorrer ao ato. Em vez da pergunta *quem sou* ou *que querem de mim*, no ato temos: *faço, logo sou*. O ato confirma a existência. Mas o que fazer quando é esta a posição enunciativa do analistante: *faço, consumo, ajo, logo sou*. Não se trataria aqui de desalienar o sujeito de seu ato? Assim como na situação inversa trata-se de separar o sujeito do saber que o aliena?

Há um caminho para escapar da alienação ao significante, pelo significante (imaginarização do simbólico) típica do narcisismo. Mas há também uma tentativa de escapar da alienação no ato, pelo ato (atualização do imaginário), típica do pós-narcisismo. Com a interrupção do fluxo significante, o sujeito goza, na ação. Mas com a interrupção do ato o que se obtém é apenas repetição.

Retomando a questão assinalada no título deste artigo: é possível pensar a originalidade na igualdade? Consideramos que a originalidade está intrinsecamente associada à estranheza. A estranheza ocorre quando se faz a separação do sujeito com o significante ao qual seu gozo está alienado. Assim, surge a constatação do sujeito de que sua ação, em diversas circunstâncias, é efeito de repetição, regulada por uma articulação significante incrustada.

Na repetição o fazer fica dissociado do ser. Logo, a repetição tem efeitos sobre a identificação. É necessário que o sujeito se depare com sua ação. A identificação pós-narcisista é geralmente atravessada por um pensamento que não precisa de justificativas. Apenas mostra-se como *sou assim*. Desta forma, a identificação só se torna consciente em seu declínio – na separação.

Nesta medida, enfatizamos a importância de pensar estratégias clínicas que promovam o efeito de separação neste sujeito adolescente, mas também sugerimos

que há uma outra estratégia que envolve a desalienação em relação ao ato. Separação que promova o surgimento do sujeito em sua intrínseca originalidade e filiação. Desalienação que reconheça a solidão insensata do mero agir.

Referências

- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade. A psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CONTE, Marta. Ser herói já era: seja famoso, seja toxicômano, seja marginal. In: Associação Psicanalítica de Porto Alegre (org.). *Adolescência: entre o passado e o futuro*. Porto Alegre: Artes e Ofícios Editora, 1997.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Tatuagem e sedução. *Revista Viver Psicologia*, São Paulo, n. 26, 1997.
- EAGLETON, Terry. *As ilusões da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade – a vontade de saber*. São Paulo: Graal, 1988.
- GABEIRA, Fernando. *O que é isso, companheiro?* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- GIDDENS, Anthony. *Transformações da intimidade*. Piracicaba: Unesp, 1996.
- JAMESON, F. *Pós-modernismo – a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática, 1997.
- KRISTEVA, Julia. *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- LASCH, Christopher. *O mínimo Eu. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LIPOVETSKY, Giles. *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D Água, 1998.
- MAFESOLI, Michel. *O tempo das tribos*. Rio de Janeiro: Forense, 1998.
- ROSA, Miriam Debieux. O não-dito como operador na clínica com crianças e adolescentes. In: PACHECO FILHO, Raul Albino et. al. (orgs.). *Novas contribuições metapsicológicas à clínica psicanalítica*. Taubaté: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.
- SENNET, Ricard. *O declínio do homem público*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.
- SIRKIS, Alfredo. *Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*. São Paulo: Global Editora, 1984.

SOUZA, Octavio. *Fantasia de Brasil. As identificações na busca da identidade nacional*. São Paulo: Escuta, 1994.

Resumos

El artículo aborda las especificidades del sujeto adolescente, enfatizando los efectos de su inserción en una sociedad caracterizada por el narcisismo y el consumo. En vista de los atolladeros del psicoanálisis frente a la cultura del narcisismo, señalamos los aspectos de la clínica tales como separación, alineación, desalienación y escucha que puedan ser terapéuticos en una clínica con adolescentes.

Palabras claves: Adolescente, clínica, subjetividad, narcisismo

L'article a en vue les spécificités des sujets adolescents et donne d'emphase aux effets de son insertion dans une société caractérisée par le narcissisme et par la consommation. Étant donné les impasses de la psychanalyse face à la culture du narcissisme nous signalons des aspects de la clinique tels que la séparation, la désaliénation et l'écoute qui peuvent être thérapeutiques dans une clinique consacrée aux adolescents.

Mots clés: L'adolescent, la clinique, la subjectivité, le narcissisme

This article approaches specific aspect of adolescent subjects, emphasizing the effects of their insertion into a society characterized by narcissism and consumption. We consider the impasses of psychoanalysis in the face of a narcissistic culture, and discuss clinical aspects such as separation, alienation, de-alienation, and listening, all of which can serve as therapeutic tools in dealing with adolescents in the clinic.

Key words: Adolescent, clinic, subjectivity, narcissism